

## OPINIÃO

## CRÔNICAS E ARTIGOS

## Saúde com honestidade



**Marcelo Crivella**  
prefeito do Rio de Janeiro

Nestes últimos três anos, a Prefeitura do Rio de Janeiro demonstrou sua vitalidade e vocação de bem servir o carioca com índices positivos: foram 540 mil internações em nossas unidades, 360 mil cirurgias e mais de 22 milhões de consultas na Atenção Primária.

Isso sem falar nos R\$ 370 milhões investidos na modernização do parque tecnológico dos hospitais, com a aquisição de mais de 18 mil novos equipamentos, incluindo 27 tomógrafos. Destes, dez já em funcionamento realizaram mais de 125 mil exames. Soma-se a isso que, pela primeira vez, a rede pública municipal passou a contar com um aparelho de ressonância magnética.

A nossa cidade ganhou nove modernas clínicas da família e nenhuma, repito, nenhuma unidade de saúde fechou suas portas. Ao contrário, estamos paulatinamente ampliando o horário de funcionamento para as 22h, aderindo ao programa federal Saúde na Hora. Estamos também investindo em obras: oito estão em curso, e vamos destinar este ano pelo menos R\$ 14 milhões na manutenção de 141 clínicas da família.

A dedicação de nossos servidores da Saúde levou à realização de seis mutirões cirúrgicos, com 34 mil pacientes atendidos. Com o lançamento da segunda fase do programa Visão Legal, mais 80 mil pessoas serão beneficiadas, sendo que, agora, o mutirão será permanente - o que significará a realização de 30 mil cirurgias de catarata agora em 2020, além de 800 mil consultas.



ARTE PAULO MÁRCIO

**“A dedicação de nossos servidores da Saúde levou à realização de seis mutirões cirúrgicos”**

Há problemas? Certamente, até porque eles são, em grande parte, fruto de um modelo herdado da gestão anterior, com muitas unidades geridas por Organizações Sociais, cujo trabalho foi questionado pela própria população - e, por tabela, pela prefeitura, que busca melhores serviços todo o tempo. Não compactuamos com erros e por isso mesmo decidimos repassar essas unidades para a RioSaúde, empresa pública do município com notória competência.

No Hospital Rocha Faria, por exemplo, a troca de gestão levou a um grande índice de satisfação dos usuários. E seguiremos nesta direção: na gestão anterior, a RioSaúde administrava 4 unidades. Hoje são 153.

Além do foco no melhor atendimento, essa troca das Organizações Sociais pela RioSaúde vai gerar uma economia de R\$ 200 milhões, porque a Prefeitura não precisará mais pagar de taxas de administração às OSs. Esse dinheiro poderá ser investido diretamente na saúde.

Fato é que nossa gestão na prefeitura tem feito mais com menos recursos, em relação a gestões passadas. Temos suado a camisa, porque trabalhamos e não roubamos. Mesmo com todas as dificuldades e críticas, a honestidade é a nossa opção. E nos manteremos incansáveis em nosso esforço de prestar um serviço cada vez melhor e com a consciência tranquila, porque vale a pena ser honesto.

## A lealdade de Marielle



**Dani Monteiro**  
deputada estadual pelo PSOL

Hoje faz dois anos que o Rio ecoa uma tragédia que avançou nossas fronteiras e repercutiu mundo afora. São 731 dias sem que saibamos quem mandou matar Marielle Franco e atropelou, brutal e fatalmente, a vida do seu motorista, Anderson. Um luto que não cessa pela falta de respostas sobre o assassinato, agravado pelas infundáveis notícias falsas sobre a sua vida e o caráter que teimam em circular.

Marielle, é preciso reforçar, foi uma mulher negra nascida na Maré - esse complexo formado por 16 favelas em que se amontoam e se espremam mais de 130 mil moradores -, que iniciou sua militância política no pré-vestibular comunitário, estudou sociologia, fez mestrado em Administração Pública. Estudando, rompeu ciclo que a condenava a ser mais uma nas estatísticas que tentam nos definir. Erguendo bandeiras, foi a quinta vereadora mais votada entre os eleitos em 2016, com mais de 46 mil votos. De punhos cerrados, denunciava a violência policial que conheceu de perto. No parlamento, empenhava-se na defesa LGBTQI+ e das outras mulheres negras. Queria lhes dar amparo além do afeto que transbordava em sua fala pungente.

Falemos sobre políticas públicas inclusivas, sobre pobreza, sobre oportunidades iguais que não existem, sobre nascer e crescer em ambientes inóspitos como favelas. Falemos sobre escassez e precariedade, sobre garantias efetivas, ela pedia. Falemos sobre extermínio de jovens pretos e lutas populares, insistia, animada como quem quer resolver o mundo em um dia. Os projetos que apresentou na Câmara de Vereadores são registro institucional do que ela compreendia como direito humano. Foram dela ideias como o programa “Pra fazer valer o aborto legal”, as “Casas de Parto” para rede municipal de Saúde, o “Programa de Espaço Infantil Noturno” para atender os filhos de mães que trabalham ou estudam além do dia, a criação da campanha #AssédioNãoÉPassageiro. Ao todo, apresentou 16 propostas para combater vulnerabilidades a que estão expostas as populações periféricas e marginalizadas. Em curtos 15 meses.

Verdades sejam ditas: a direita que esfaçalha a reputação e a memória de Marielle Franco ataca o símbolo em que ela se transformou depois de sua morte. Tentar destruir a imagem reta e justa é atacar a atuação progressista e solidária, empenhada na defesa da vida. A vida livre como deveria ser. Para pretos assim como é para os brancos. Para os pobres, assim como é para os ricos. Quem a ataca atinge também a luta antirracista, por menos vulnerabilidades sociais e pela liberdade de se escolher e exercer a sexualidade segundo vontades próprias. Os ataques que ainda persistem expõem a covardia de quem tece ofensas a quem não pode mais se defender.

Marielle não teve tempo de ver outras mulheres ocupando os mesmos espaços institucionais que ela. Mas floresce. Em mim, nas minhas companheiras, em cada morador de favela. Marielle cresce entre as multidões. Suavemente, na complexidade que sua figura humana exprimia, íntegra e franca.

## Pum de palhaço não é Cultura



**João Batista Damasceno**  
juiz

Secretária da Cultura, Regina Duarte, no discurso de posse, elencou conjunto de comportamentos que seriam expressão do seu conceito de Cultura. Dentre eles, “aquele pum, produzido com talco, espirrando do traseiro do palhaço e fazendo a risadaria feliz da criança”. Cultura é assim. É feita de palhaçada”, disse. O desastroso discurso expressa a concepção de outros que, igualmente, acreditam que governar é fazer palhaçada, embora não sejam artistas circenses.

Cultura é um conjunto de valores que permeiam as relações sociais. São ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais reiteradas por gerações. Cultura é parte da herança social que dá a dimensão da humanidade. Só o ser humano é capaz de produzir cultura. As expressões culturais distinguem-se dos comportamentos naturais ou biológicos. A cultura é aprendida com a socialização, desenvolvida e transmitida. É complexo de comportamentos e conhecimentos; são crenças, artes, normas de conduta e costumes. Cultura é a forma de

viver, de interagir e de se organizar, transmitida por gerações a partir de vivência e tradição comuns.

Nos anos 1980, o ministro da Cultura, Aluísio Pimenta disse que broa de milho também é cultura. E foi ridicularizado por uma elite que confunde cultura com belas artes. O que ele quis dizer é que comer é um ato biológico, mas o que comer e como comer é cultural. Os hábitos alimentares dos asiáticos nos parecem estranhos, assim como os povos do Oriente Médio têm nojo quando falamos que comemos camarão e carne de porco. Mas, pum de palhaço na cara do povo não é cultura. É escárnio com a pessoa humana. Busca a desqualificação, preparando o terreno para a supressão dos direitos. Numa sociedade hierarquizada, rir do outro é imaginar-se em patamar inatingível por similar menosprezo. Os programas televisivos do “mundo cão” e das “pegadinhas” são a pedagogia para a desqualificação. Enquanto o povo ri ou reza seus direitos vão sendo abolidos e o patrimônio público transferido para mãos particulares.

Não se pode confundir a arte circense, que é expressão da cultura, com o pum do palhaço. Nem palhaçada com cultura. Palhaçada, às vezes, é mero desrespeito ao outro, usada para a desqualificação e o aviltamento do ser humano. A palhaçada pode ser o vilipêndio das

**“Cultura é parte da herança social que dá a dimensão da humanidade”**

próprias instituições por quem ocupa os cargos, sem decoro. O uso do carro e da faixa presidencial por ator para ofender jornalistas, sob aplauso de claquete que não percebe que seus direitos estão sendo aniquilados, é emblemático. O ataque não foi aos jornalistas presentes. Mas, à Imprensa e à Cultura da informação e da Comunicação em tempo de fake News e pós-verdade.

Numa sociedade que desumaniza, o primeiro processo é submeter ao escárnio. Os “Circos dos Horrores”, por exemplo expunham pessoas com deficiência física ou mental. O avanço da medicina e a difusão dos direitos humanos promoveu alteração na sociedade. Pessoas com doenças ou mutações genéticas passaram a ser vistas como iguais, e não bichos a serem expostos. O primado da dignidade humana e a constituição de cultura de direitos humanos acarretaram o fim dos “Circos dos Horrores”. O pum, com talco, na cara do povo pode produzir a ‘risadaria’ infantilizada de quem não percebeu que será atingido. Mas, não é Cultura. A avacalhada retira a dignidade de quem a pratica e de quem a aceita, por proximidade ao poder. E, somente servil bem remunerado serve, indignamente, de escada para o protagonismo de um ser vil.

**O DIA** DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600

**PRESIDENTE**  
Luiz Alberto Albuquerque

**DIRETORA DE REDAÇÃO**  
Carla Alves

**EDITOR-CHEFE**  
Alexandre Medeiros

**DEPARTAMENTOS:**  
**Agência O DIA:** E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265  
**Fax Diretoria:** 2507-1038

**Parque Gráfico:** 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica **Gerência Industrial:** 3891-6002 **Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005  
**Preço de venda em banca:** RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

**Exemplares atrasados:** Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

**São Paulo:** Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

**Brasília:** Tel: (61) 98112-2227.

**Promoções:** promocoess@odia.com.br

**Classificados:** 2532-5000 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

**Anúncios de Noticiário:** 2222-8338 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.  
**Editora O DIA LTDA.** Rua dos Inválidos 198, 2ª andar, Lapa - CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

**ODIA** é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).